



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

FUI ESTUPRADO

Marcos Roberto Inhauser

No meu mestrado houve um curso sobre sexualidade humana. Por ser o início dos anos 90 e ter sido lançado um livro (Unbalanced Power) tratando o assédio, o abuso e a violência sexuais desde a ótica do poder, e por ser uma época em que o tema do assédio sexual estava em alta nos Estados Unidos, em função dos problemas enfrentados pelo nominado à Suprema Corte, Clarence Thomaz, o tema era um pão quente.

Em uma das aulas tivemos uma mulher que foi convidada por dirigir uma instituição de fomento à consciência do abuso sexual nas relações familiares e religiosas. Na sua exposição ela apresentou dados da sociedade norte americana que dão conta que grande parte dos abusos sexuais se dão no âmbito familiar (pais e irmãos como violadores) e no religioso, dados estes também presentes na sociedade brasileira. A certa altura ela disse que havia sido estuprada dezesseis vezes pela mesma pessoa. Como bom machista, fiquei na defensiva e achei que a história estava mal contada. Ela disse que a primeira vez foi em um trabalho de atenção a uma situação de desastre quando todos os voluntários tinham que dormir em cabanas improvisadas e que o chefe da equipe veio à sua e a estuprou. Depois disto a cena se repetiu mais quinze vezes ao longo de quatro anos, até que ela teve coragem de denunciar o fato, não sem passar pelos constrangimentos de não ser ouvida ou ser pré-julgada.

Terminada a sua exposição houve oportunidade para perguntas e eu lhe perguntei como podia haver dezesseis estupros feitos pela mesma pessoa. Ela me olhou nos olhos (percebendo a ironia ou insinuação que havia na pergunta) e me disse: “porque eu não tive coragem nem o poder para denunciar na primeira vez, e por que me calei na primeira, perdi o poder nas vezes subsequentes”.

Lembrei desta história no início deste ano. Eu também fui estuprado. Na calada da noite do dia 30 para 31 de dezembro, sofri uma violência brutal, feita por alguém que tem o poder e que, no exercício de sua função, deveria velar para que eu e outros fôssemos protegidos.

Não foi um estupro sexual, mas fiscal. O governo Lula de forma sorradeira e maldosa, para compensar e se vingar de uma parcela do ganho fiscal que perdera nas negociações sobre a tabela do Imposto de Renda, arregaçou o bolso de prestadores de serviço. Ficou seduzido por um devaneio típico de burocratas ensandecidos pelos filmes pornográficos que o FMI os obriga a ver, e decidiu que os prestadores de serviço têm lucro de 40%. Uma lucratividade por decreto!

E porque não gritei no primeiro estupro quando este governo subiu a COFINS e outros tributos no início do ano passado, o estuprador veio para a segunda rodada de sua sanha arrecadatória. O problema é que foi um estupro coletivo. E a coletividade dos estuprados o foi pela enésima vez porque nas anteriores ficou calada e poucos reagiram à sanha dos maníacos fiscais deste país.

De minha parte, estou usando os instrumentos que tenho à mão (inclusive esta coluna) para berrar aos quatro cantos: os impostos neste país são estupros fiscais. Os violadores vêm, levam sem pedir, sem negociar com a sociedade, e pouco ou nada oferecem de volta. E depois vão passear de Aerolula, pago com meu e o nosso estupro.